

‘Bric de barro’ mostra sua fragilidade

Com economia excessivamente dependente do petróleo e um parque industrial deteriorado, Rússia enfrenta o desafio do crescimento

Andrei Netto
CORRESPONDENTE / PARIS

A cada vez que pisa o solo europeu, Jim O’Neill, economista-chefe do banco americano Goldman Sachs, ouve a mesma interrogação: a Rússia deve mesmo fazer parte do Bric? Ferrenho defensor do acrônimo que criou em 2001 para se referir às perspectivas de crescimento econômico no Brasil, na Rússia, na Índia e na China, O’Neill titubeou na última vez em que esteve em Londres, há um mês. “Eu recebo todos os dias várias mensagens que me dizem que a Rússia não deve fazer parte do Bric. A meu ver, é um sinal negativo.”

A contestação em torno da capacidade da economia russa em continuar crescendo em níveis acima da média mundial vem aumentando na Europa e nos EUA. O fim da lua-de-mel com o país aconteceu com a eclosão da crise do sistema financeiro, em 2008, que resultou em um profundo mergulho no ano seguinte, quando o Produto Interno Bruto (PIB) do país recuou 7,9%.

A queda ao inferno começou quando do derretimento temporário do preço do barril de petróleo, que chegou a US\$ 130 em 2008. Com o recuo brutal das ex-

portações e o impacto na arrecadação pública, amplificada pela crise de crédito, bancos e companhias privadas se viram sem linhas de financiamento.

No intervalo de meses, buracos nas contas privadas se multiplicaram em dívidas muitas vezes impagáveis, causadas pela diminuição no preço das ações de empresas e pela desvalorização do rublo. O resultado foi a maior turbulência desde o fim da União Soviética, em 1991.

O quadro negativo não apenas reverteu um ciclo de 10 anos de crescimento – a “Era Putin” –, como também expôs as fragilidades do mercado russo. O “petroestado”, como é definido por economistas europeus, é excessivamente dependente das exportações de petróleo e matérias-primas, tem uma moeda fraca, um mercado consumidor interno encolhido e vê a degradação paulatina de seu parque industrial. Some-se a isso um Estado minado pela corrupção.

Debilidade. A conjugação de debilidades levou um alto economista da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) a definir a Rússia, em uma conversa informal com a reportagem do **Estado**, como “o Bric de barro”. As fragilidades também têm sido abordadas por publicações especializadas da Europa, como a revista *The Economist*.

“O futuro da Rússia é menos previsível e a modernização é mais ilusória do que ambas eram na década passada”, afirmou a revista. O diagnóstico é compartilhado por O’Neill. Questionado em Londres sobre a retomada da atividade econômica global, o economista afirmou: “China, Índia e Brasil se aproximam do boom econômico.” Já sobre a Rússia, que não crescerá mais de 3% ao ano, nos seus cálculos, ele foi menos generoso. “Não há nenhum boom na Rússia.”

Mais ou menos pessimista, o diagnóstico é compartilhado por economistas russos ouvidos pelo **Estado**. “Estou muito convicto de que a Rússia vai voltar a crescer já neste ano. O problema é que, em longo termo, o cenário de 3% é



Sufoco. Medidor mostra pressão de tubulações de gás: dependência de energia é um dos problemas da economia da Rússia

muito provável. É isso que nos causa preocupação”, disse Sergei Guriev, economista, escritor e reitor da New Economic School, de Moscou. Para ele, uma mudança radical no processo de desaceleração passa pela liberalização política do país, até aqui sufocado pelo “Estado forte” das gestões de Vladimir Putin e Dmitri Medvedev.

Alexander Dynkin, diretor do Institut of World Economy and International Relations (Imemo), também de Moscou, é um pouco mais otimista: estima que o país pode crescer 5% ao ano na década. Mas faz a mesma análise sobre a dependência das matérias-primas e a defasagem industrial e tecnológica crescentes. “Há muitos pontos negativos conexos ao fato de a Rússia ser uma espécie de petroestado. O país depende demais da conjuntura global e não é diversificado”, diz. “Não devemos parar a exploração de petróleo, mas precisamos desenvolver, diversificar, inovar em outros setores.”

Risco da Rússia é voltar à ‘Era Brejnev’

PARIS

O discurso é de modernização. Mas, se nada for feito para modernizar de fato o país, a dependência do petróleo e da venda de matérias-primas vai levar a Rússia de volta à Era Brejnev, entre os anos 70 e 80. A teoria é de dois economistas, Sergei Guriev e Aleh Tsvinski, cujo último livro alerta para o risco político e econômico de estagnação à moda soviética caso o preço do petróleo se estabilize entre US\$ 70 e US\$ 80 o barril.

A teoria tem todos os elementos para despertar polêmica em Moscou, porque associa a Rússia de Medvedev e Putin, preten-

samente modernizadora e democrática, às profundezas da União Soviética. A tese é parte do livro *A Rússia após a Crise Econômica Global*, cujo extrato mais provocativo foi revelado à reportagem por Sergei Guriev, reitor da New Economic School, de Moscou.

Segundo a teoria, se os preços do petróleo se mantiverem elevados, a Rússia sofrerá o que os autores chamam de “corrida aos recursos”, o que configuraria o “Cenário 70-80”. “Dado o preço elevado do petróleo, as elites russas tenderão a preferir retardar a reestruturação da economia. Isso resultará em desaceleração do crescimento

econômico e tornará inverossímil a possibilidade de a Rússia alcançar economias desenvolvidas nos próximos 10 a 15 anos.”

Nesse cenário, a Rússia retornaria à chamada Estagnação Brejnev, ocorrida durante o governo de Leonid Brejnev. Nessa época, entre 1965 e 1985, a União Soviética, beneficiada pelo boom do petróleo e, em paralelo, dependente das exportações de minerais, postergou as reformas estruturais, situação hoje vista por historiadores como decisiva para a derrocada do regime comunista.

“Se não houver reformas, a Rússia vai crescer em taxas muito baixas, entre 2% e 3%”, afirmou Guriev. “Enquanto os recursos oriundos do petróleo continuarem entrando, a elite política ficará satisfeita e terá menos razões e menos abertura para pensar em reformas.” /A.N.

Modernização passa por reatores nucleares e aviões

PARIS

A mudança de discurso, com ênfase nas palavras modernidade e democracia, ficou clara em 12 de novembro de 2009. Em seu segundo discurso à nação depois de empossado, o presidente da

Rússia, Dmitri Medvedev, rompeu com 10 anos de louvores à política econômica do Kremlin e anunciou: era chegada a hora de a economia russa se modernizar.

Para tanto, o governo aposta na energia nuclear e nas indústrias petroquímica, automotiva,

aeronáutica e de defesa para reindustrializar o país, apostando na tecnologia e na inovação como alternativa à venda de minérios.

Traçando um balanço do estado da economia russa, Medvedev afirmou que as empresas do país padeciam de uma “competitividade vergonhosamente fraca” e propôs a ruptura: “A Rússia não pode se satisfazer eternamente das realizações da época soviética.” Para chacoalhar o país, o governo definiu um elenco de 169 projetos de referência,

a maior parte dos quais relativas a projetos de alta tecnologia.

Ainda que muitos economistas e cientistas políticos duvidem da capacidade do presidente de transformar a cúpula do poder russo, parte das iniciativas já estão em andamento. Um deles foi o acordo entre dois gigantes, a alemã Siemens e a russa Rosatom, para o desenvolvimento de reatores nucleares.

A associação foi anunciada em 2009, e representa uma mudança radical para os dois países. Ela

marca a retomada dos investimentos da Alemanha em energia nuclear, e a perspectiva de mais financiamento e, em consequência, de atualização tecnológica para a Rosatom.

Outra frente já em andamento é a recuperação da indústria automobilística. Por ela, passa outra parceria com um líder europeu, a francesa Renault e a russa Autovaz pretendem desenvolver modelos, reduzir custos de produção e reconquistar – no caso russo – os mercados

emergentes da Ásia Central.

Um terceiro “canteiro de obras” do projeto modernizador de Medvedev é a indústria aeronáutica, uma longa tradição do país. Faz parte dessa estratégia a Sukhoi, fabricante de aviões comerciais e de jatos de guerra. Em junho, em Paris, a empresa apresentou seu último modelo, o Sukhoi 100, avião para 75 a 98 passageiros, com o qual pretende enfrentar a concorrência da brasileira Embraer e seu modelo 190. /A.N.